



## O MÁGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 18 DE JANEIRO DE 1852.

### OS ESCRIPTORES DE NOSSA TERRA.

(*Leve mais esta p'ra seu tabaco.*)

Diz o Sr. Prospero na sua *Marmota* 223, precedendo o seo *Passar da Lua* impresso na mesma Marmota: " Tendo eu a gloria de provar que não faço como em geral os poetas de nossa terra que vivem macaqueando e furtando expressões, termos, e comparações dos outros.... os meus similes são originaes do meu pensamento," (seria engracado que fossem originaes do pensamento dos outros !) " e a pintura é feita conforme meu gosto e singeleza do meu estilo. "

Vamos agora ver a poezia do Sr. Prospero, e a originalidade de seos pensamentos.

*Aqui triste e calado estou sózinho....*

Que duvida! se failasse só, dir-se-hia que tinha o miolo voltado! Este verso é d'extrema elegaçia.

*Contemplando o poder da Natureza,*

Isto é proza?

*Do mundo as tyrannias receando.*

*Neste valle tão triste em que vivemos*

Então valle e mundo não quer dizer a mesma couza?

E como receia no mundo as tyrannias do mundo, e se não atira ao mar?

*Aqui recordo triste, aqui suspiro....*

São 3 tristes em 5 versos

*Pela Ninpha gentil dos meos amores...*

E' sediço! e muito corriqueiro nas eglogas. Mas nós o desculpamos, porque enxergamos neste verso um arroto de vaidade para fazer persuadir, que ainda tem amores! Fóra gaiteiro!...

*Aqui recordo o tempo da innocencia  
Des-e amor infantil, tern', mimoso.*

Então amor infantil é o mesmo que innocencia? ! Ora Sr. Prospero, outro ofício.  
*Aonde o pensamen'o sem cuidados  
Corre livre da vida a estrada alegre.*

Todos estes pensamentos respeito á innocencia, são seos originaes do seo pensamento, não são Sr. Prospero? Entretanto quando nós mamavamos, já ouviamos dizer a nossos pais " Innocente Magico... sim Sr. porque nós tambem já fomos inocentes, einda hoje não deixamos de o ser, mas dizião nossos pais" folgas e ris sem cuidados na estrada da vida. E aquelle alegre Sr. Prospero, concorda com vida? Então como diabo as tyrannias do mundo, que Vmc. receava, fazem a vida alegre? !

*Aonde entre os meninos do meo tempo...*

Morre o Neves! se Vmc. era menino, é claro que os outros meninos erão contemporaneos.

*Eu menino tambem...*

Já esiava dicto, que Vmc. era menino, para que repetições?

*Gozei meos dias  
Brinquedos, passarinhos, flores fructas  
Lá nas fontes do bosque...*

Erão com esfalto fontes de nova e pecie! Vmc. Sr. Prospero, é o f liz em ter a ventura de descubrir essas fontes, que em vez d'agea deitão tanta mochinisada.

*.... Onde corria*

*Uma agua cristalina entre pedrinhas  
Saudosa discorrendo em murmurio!*

Este pensamento Sr. Prospero, tambem é original seo do seo pensamento? Heim? Ora não s'envergonhe, diga que o furtou!

*Rico então me julguei de força e genio,*

A respeito de genio não era só então, ainda hoje: se de força não sabemos, mas a julgar-se tambem rico nessa parte, dir-lhe-hemos, que hoje a Alfandega emprega braços livres

*Era vida e mais vida o meu rriver ...*

Olhe, que em verso heroico os versos agudos são pouco uzados, por serem poucos eadentes.

*Era gloria e mais gloria meu futuro....*

Hoje não, é especulação, e mais especulação!

*Encantos, poezia, amor ternura  
Sem cuidados sofrer, sem duras magoas  
Que uma idade maior me vem trazendo !....*

Quasi fez uma charada, porque o pensamento que faz continuar nestes versos, já estava completo no verso precedente.

*Aqui sentado queiro recordar....*

Ahi temos outro verso agudo!

*Aqui meigo poeta afina a lyra  
Meliflua poesia improvisando  
Derrelido em amor, doçura e flores...*

*Afinar lyra, meliflua poezia* são expressões furtadas: *poeta derrelido em flores*, é expressão original do seu pensamento, que diz Sr. Prospero? Isso cremos nós, porque seria diffieil outro dizer esta asneira. Acresce que o verso. *Meliflua poesia improvisando*, sahio um pouco mais ciescido que os outros. Seria bom mettel-o outra vez na forja.

*A lanterna de Deos gira suave*

Que pensamento! grandioso e estupendo! Pena é que no fim de contas seja uma sandice Deos nunca teve lanterna, por não lhe ser mister, por que para elle

ha nunca trevas ? ! e depois como vai Vmc. chamar lanterna à lua, quando ella não é corpo luminoso ! Esta só lembra ao diabo e a Vmc.

*Abrindo as nuvens, afastando as sombras.*

Não ficaria o verso mais elegante se dicesse:

*Abrindo nuvens, afastando sombras.*

*O veo das trevas que escurece a terra ! ..*

O veo das trevas, não pode clarear a terra, forçozamente havia escureceu-a ! Foi uma ideia nova, um achado que Vmc. julgou ter feito com a sua originalidade do seu pensamento.

*E' não de brilho que soltou carreira.*

Perdoe-nos o Sr. Prospero, ha neste verso abuso da liberdade poetica ! Aquella preposição de faz o brilho ser materia que compoem a não, e então nos queria parecer a não muito pequenina em relação ao brilho de uma lua, que invade todo o Céo e terra.

*E' branca pomba que cortando os ares...*

Agora ja a lua é pomba ! Ora de pomba a não a diferença, em tamanho é de muitos pés.

*E' medalha de vates prata fina*

Ora vamos em que ficamos ? E' pomba, medalha ou não ? ! E' preciso sabermos para podermos idear qual figura tinha a sua lua, porque estas 3 couzas diferem tanto na figura como no tamanho.

*Tremulando uma luz branca enxofrada*

Aqui temos agora a claridade da lua tendo cor de enxofre !

*Longos raios de jaspe sobre as folhas...*

Ficamos sabendo que o jaspe tem cor d'enxofre.

*La passou n'uma torre; oh ! que beleza !*

*Que quadro encantador, sublime vista !*

Devin ser admiravel ! de por a gente de boca aberta ! Uma lua passando n'uma torre ! ! Nem nós sabíamos que houvessem torres que subissem tão alto, nem luas que pudessem tanto.

Passamos agora por cima de carros e carretas, por que este artigo vai mais comprido do que desejavamos, e chegaremos ao final.

*Minha lua querida, eu te idolatrio,*

*Tu és o quadro que me dà consolo,*

*Tu és a Virgem que eu adoro n'alma!*

Destes 3 versos, o primeiro é redundante, o segundo hyperbolico e o terceiro sacrilego ! E' redundante, por que sendo a lua querida, estava entendido que seria idolatrada, por que a *idolatria* representa o mesmo affecto que o *querer*. E' hyperbolico, por que sendo a lua um só objecto, nunca podera constituir um quadro. E' sacrilego, por que compara a lua com a *Virgem Santíssima*, e a antepõem na adoração à lua ! Pelo menos é o que se pode deprehender daquelle *Virgem*, com letra maiuscula.

Temos acabado Sr. Prospero, resta nos dizer-lhe que se conheça melhor, para não nos dar iguaes massadas, porque estamos com firme propósito de analizarmos todos os versos que soubermos ser de sua lavra.

## MOTTE.

*O symbolo do amor e da ternura*

## SONETO.

Cruel! tem dó de mim, tem piedade!  
De ser teu cachorrinho eu já fiz voto,  
Se dizem por ahi que sou maroto.  
Ah! não julgues, meu bem' q'isto é verdade

O fogo da paixão, na minha idade,  
E' quem me obriga ás vezes ser garoto,  
Não ando esfarrapado, sujo ou rôto,  
Pois negociante sou d'esta Cidade.

Ser das nymphas do rio (\*) tão querido,  
Teelho (verdade seja) esta ventura,  
Que me deu o vendado deus cupido.

Apezar destas ventas de forçura  
Vêde Annalia, meu bem, neste atrevido  
O symbolo do amor e da ternura.

*Carapins.*

---

## VARIAÇÕES DE RABECA.

Pela Nympha gentil dos meus amores....

*(Isto é Velho)*

O' tu, vate sem par, Prosp'ro Diniz,  
Digno filho da terra da moqueca,  
Insigne trovador, de marca X  
Dá-me o lá, que afinar quero a rebeça ;  
Mas se és charlatão, como se diz  
Vai-te com satanaz, leve-te a breca  
Que essa Nympha gentil que tu namoras  
Por-te-ha freio na voz, na marcha esporas.

*Derretido em amor, docura e flores,*  
Qual toucinho em quente fregideira,  
Pela Nympha gentil dos teus amores,  
Rapadi será logo a cabelleira ;  
Mas se o tempo abrandar os teus furores  
Q'inda tornes a ver o pote e esteira,  
Será tal o prazer e o gosto tanto  
Que uma pipa haverá em cada canto.

*A terna lua que te falla n'alma*  
Na cabeça tambem te falla as vezes.  
Muito mais no intenso ardor da calma  
Quando ella procura os seus freguezes,  
E tu, que nisto levas sempre a palma  
(Haja vista os teus bellos entremeses)  
A lua te armará tal corriola,  
Que mettido serás em camizola.

Então lá desse imperio grandioso,  
D'onde éas Corregador da farçalhada,  
O povo p'ra mostrar-se obsequioso,  
Monarcha te fará por cassoada ;  
E o estro bolorento e carunchoso  
Que na bola te dá tanta pancada  
*Meliflaca poezia improvisando*  
Um berro soltará de quando em quando

*O Resina.*

---

(\*) E' das — Lavadeiras — que queremos fallar.

## COMMUNICADO.

### UMA EXECUÇÃO.

*Presente ao religioso que fez a pratica.*

A Lei punia um criminoso no dia 12 do corrente, no largo de Moura, e o padecente, que havia subido os degraus do patibulo de charuto na boca, e com o mesmo ar de nenhuma contricção, que tinha conservado até aquelle momento, em quanto o executor lhe amarrava os pés, começoou a dar sahida ao odio que inda naquelle momento guardava á sua victima, chamando-a de *malvado*, dizendo que *estava pagando no inferno* etc, etc, era um escandalo! e que devia inutilizar o rigor da lei que o punia! Era uma dureza no crime, que devia acoroçoar outros!... Com tudo elle morreu! o exemplo estava feito, e o crime devera emxergar nesse triste espectaculo, que apezar das immunidades que a justiça humana concede aquelles, que chegão aquelle lugar, a morte é sempre a sua ultima razão.

Mas o que foi inqualificavel foi o procedimento do religioso que fez a pratica depois da lei satisfeita! Se as faltas de um escravo que vai morrer por haver assassinado seu senhor, e que se mostra endurecido no crime, podem acoroçoar e animar o crime, o que não farão as palavras do religioso que o acompanha, e a quem é imposto o dever de fazer exemplificar aquelle acto, quando elles quazi santificão o crime, e culpão a victima?

E' espantoso tal proceder! Mas por mais espantoso que seja, não amedrontou o religioso que na terça feira teve de fazer a pratica depois da execucao do paciente!.... Ali, em prezença de uma multidão apinhada, para ver a execucao, e ouvir a pratica, forão soltadas estas e outras expressões, por esse religioso de cima do patibulo: *Srs. vós é que sois culpados destes actos, porque não vendeis os escravos, quando elles pedem venda etc etc.*

Com quanto estas palavras, sejam verdades, não erão por certo para serem proféridos em presença de uma execucao feita por um motivo semelhante. Que illaçao deve tirar um escravo d'essas palavras, proferidas por um homem de Deos?! Julgará que pelo simples facto, a pedir venda, fica authorisado a matar seo Senhor, e que quando por isso seja punido pela justiça dos homens, a justiça de Deos lhe ha de ser propicia e favoravel.

Espero não ter tão cedo que assistir a igual espectaculo; por que confio, que os exemplos que temos tido, servirão não só para os escravos reconhecerem a sua posição e deveres, como para os Srs. sentirem melhor que os escravos são homens, que tambem tem paixões, e que é preciso não affrontal-as. Mas quando por nossa desgraça tenhamos, que punir crimes semelhantes, em nome de nossa sociedade pedirei ao nosso Governo, que haja de tomar providencias, para que os criminosos não se valham do lugar para

cuspir na cara á sociedade que o pune, e ao Guardião de S. António, que manda antes religiosos encanecidos na penitencia, que bem comprehendão sua missão, do que mocinhos imberbes, pejados inda de paixões mundanas, utopistas em humanidades, e cuja ignorância faz a toda a sua audacia.

*J. J. Duarte.*

---

## TRANSPARENTE.

Oh que carinhas! que figurinhas! maldicto *vidro* que faz transformarem-se em sombrinhas as mais bem reprezentadas e estupendissimas pessoas! Até este maldicto melquetrefe quiz tambem observar no *vidro*, e fez tamanha careta que m'o arranhou, por isso não tenho podido apresentar perfeitas sombrinhas! Parecia o burro quando faz caretas ao Céo pedindo chuva; tudo porque conheceu aquella ali, vio que era a de um escrivão muito cheio de *r r* e *ss*, e entretanto lá chucha agora daquelle pessoa certa balinha recheada para fazer certas passagens ali n'aquelle papelada, que está em sima da banca. Com effeito é uma piaga! gente venal e traiçoeira, toma assim conta deste desgraçado meio, que o perverso inventou, para corromper ou vencer os outros. Elles porem teem razão, porque dizem que comem, pagão caza, vestem-se e etc. e para tudo isto é necessário dinheiro e muito, e pelo lado do bom caminho não se acha furo. Isto acontece nos viajantes que rara vez na estrada plana achão um regato para matar a sede; é sempre necessário ir ás grottas ou ribanceiras. Agora passa aquelle que parece homem de bem; entretanto é um Tabellio que reconhece firmas, que são mesmo *firmas* que elle nunca conheceu, porem o cobre que cai é tentador, não se pôde resistir. — Vês aquelle meio barregudo que tem muitas relações com a Relação, pois tem uma boa guella, engole soffrivelmente; sabe demorar autos, sabe fazer suas *embuçadellas* as partes; qualquer couza que se pede no cartorio (tem ronha) põe dificuldades até que se lhe aperte a mão na despedida com alguma coizinha amarella ou encarnada. — Vê aqui depressa, olha para aquelle Escrivão que acaba de passar um mandado só porque o freguez largou sobre a banca um papel amarello com feições de bilhete de vinte mil reis. Chegou, olhou para a nota, e não vês como está com uma demonstração de prazer, entretanto para não dar a perceber ás pessoas que estão no cartorio perguntou — „ quem botou isto aqui ? ! Ora, isto não tem lugar ! — „ Bem se sabe que o bilhete não tinha lugar sobre a banca mas sim na algibeira do tal amigo para onde passou imediatamente.

— Infelizmente para nós tudo está de semelhante e ainda de peor modo, em muitos cazos, porque esses senhores, por onde fazem sua dependencia, quasi todos que se veem a braços com a chicana, ou com a justiça, uma disposição admiravel para se trocarem por din-

heiro; que é um Deos nos acuda! Estás lembrado daquelle que falsificou o testamento? pois esteve na caléa, como é sabido e por artes do diabo, sahio junto com um pedaço de carne assada dentro de uma caxa e o melhor é que foi servir de escandalo na casa de certo figurão (a quem Deos haja) e ahi esteve até *botar-se a pannos*; valha a verdae: mas tambem correu muito dinheiro.

Ainda temos muitas figuras, agora estou cançado de fazel-as passar.

Tomara eu que ellas todas fiquem melhores.

*O Pucha vistas.*

---

## MISCELLANEA.

— Do thelegrapho phosphorico cahio a noticia que a lembrança de se transformar em — Misericordia — a lida com os dsfuntos, foi nma mina para a — chuchadeira; — os pobres coitados ja causão agonia dos vivos pelo incommodo dos enterros; entretanto não se diga que é feio. Agora ja se pode morrer feito — anjo, porque leva-se um cortejo de — enchota mosquitos, armados de vara! Ora quem dera a lembrança das varas para sacudir o lixo da especulação e patronato.

*Descobrio-se uma machina para fazer — arregalar os olhos dos guardas da Ilm. a fin de os por em tal sarilho que nao deixem ficar sem cova os gatos, cachorros cavalos e galinhas etc, que por ahi andão mortos. Agora ha uma companhia para enterros, apesar de nao estur na tabella o preço deses desfuntos.*

— O sujeito que diz — que a cara lhe cahio no chão por ver o frade nas grades da prizão, que pague a quem a achou, no corpo de um cameleão.

— Um individuo que se retira brevemente para sua patria' desgostoso desta maldita terra, aonde apenas ganhou a insignificante somma de 200 : 000\$000, que os vai comer em santo ocio; pretende vender uma obra (composição sua) muito util a todo aquelle que quizer por-se ao facto dos mysterios do Rio de Janeiro, cuja obra contem a vida publica e particular de muitas familias desta capital; seos nomes cognomes, teres e haveres e capacidade; uma relação de todos os negociantes, marcando-lhes o prazo que poderão durar até a sua quebra isto é tão somente o que diz respeito aos tratantes e pingas, porque em quanto aos homens de bem diz elle que nunca os conheceu; alem de outras couzinhas muito interessantes desta dita obra contem ella uma despedida em latim a todos os habitantes desta terra lançando-lhes a sua maldição.

— Alviçaras! a quem descobrir a causa pela qual os Irmãos Mezquitos da Santa Casa não acompanhão o PADECIMENTO, a quem descobrir o motivo pelo qual os Senhores Juizes de Direito se recusaram a esse dever? E então não se dà!... O jogo não é do pilha! Não se dão a pena & o iné mundo.

— É muito de suppor que cresça agora o numero das visitas na Roda porque todos negarão os seus filhos pelo trabalho que ha em baptizal-os, e enterral-os. Conhecemos um sujeito que só para dar parte ao Escrivão que o filho tinha nascido gastou dez mil reis! O que não gastará no resto!! Vamos para o celibato que já não se pôde viver de outra forma.

— Aquelle buraco que existe na rua dos Benedictinos, dizem que é um alçapão para apanhar o Fiscal de Santa Rita, e como comunica a uma valla S. S. cahindo levar-lhe-ha o diabo por ali a dentro ate dar com o nariz nas Posturas da Illustríssima que lá estão no lodo enterradas.

— Do telegrapho fosforico cahio, a noticia que um mestre carpinteiro querendo experimentar se os telhados podião ser suspensos só com a força elástica do ar, em uma obra que elle dirigia tirou a escoria que sustentava o telhado, que cahindo esmagou um preto escravo do dono da obra! E como mortos não fallão, o mestre carpinteiro atribuiu todo o desastre ao proprio defunto, mortido. Isto não foi na obra do Largo do Capim, não!



## CHARADA.

Sou terra de Portugal 2

Nunca m'encontras lá 1

### CONCEITO.

Se me queres achar já

Me procura no quintal.

R. C. A.

## ESTUDOS THEATRAES.

Por falta d'espaco não pôde entrar o artigo do nosso Chico.

*Do Redactor.*

---

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES.  
Rua d'Alfandega n.º 135.

# FOLHETIM DO MÁGICO.

(Continuação do numero 9)

Ella desprezou todos os seus pensamentos, e para melhor distrair-se buscou uma outra ocupação. Estava sobre a meza, aonde a rainha a tinha posto, a carta de Mazarin, ella vio-a, e antevendo que acharia nella novas d'alta importancia, abriu-a, e leo:

Senhora.

« E' tempo de decidir-vos. Os estados da Suecia estão promptos a repôr sobre vossa cabeça a corôa, que o sucessor que lhe destes não pôde sustentar: mas faz-se preciso, que este arranjo traga consigo a alliança da França com a Suecia, vós bem sabeis porque preço será esta alliança. E' necessário que façais escolha de um marido que não possa assustar a susceptibilidade da França, quanto a mim, não ignorais que escolha vos aconselharei, e manterei com todas as minhas forças. »

Aqui parou Christina, e murmurou entre seus dentes: Italiano, Italiano, sempre Italiano...

« Quem quer que seja, é preciso decidir-vos. Espalhou-se na corte um libello infame contra V. M.: vossos projectos de rehaver o sceptro da Suecia são revelados e combattidos n'elle, em termos que devo occultar-vos. »

Christina deixou cahir a carta. Esta liberdade da vida privada, que ella tinha invocada com tanto fausto abdicando a corôa, começava a ser-lhe pezada. A actividade de seu espírito, que não servia mais á pratica de suas theorias, mas somente á vans discussões; a necessidade d'ocupação, que as viagens mais activas não poderão nunca satisfazer, tudo lhe tinha feito ter saudades de seu officio de rainha, como ella lhe chamava. Ao mesmo tempo, seguindo os actos do governo de Carlos-Gustavo, experimentava a impaciencia do jogador, que tem cedido o lugar a outro e que vendo-o commetter erros grosseiros, tem desejos de arrancar-lhe as cartas da mão. Estas cartas erão para Christina, o supremo poder: e de qualquer maneira que sejam jogadas, a partida rende sempre bastante aquelle que as tem, para que lhe sejam cedidas de boa vontade.

Christina previa, ser preciso uma revolução para que ella fosse restaurada no throno da Suecia, mas a dificuldade da empreza não a fazia senão mais seductora aos seus olhos. Tinha pois aproveitado a sua assistencia em França, para dar começo a uma intriga com Mazarin, rezervando-se para levar ou fazer parar as couzas onde conviesse ao capricho, que a dominasse no momento da execução.

Demais a obrigação de escolher um marido lhe tinha sido imposta pelos membros dos estados da Suecia, que se tinham offertos a servir a cauza: querião talvez prevenir a renovação d'intrigas aque dá nascimento em uma corte a existencia de uma rainha solteira, ou esperavão que algum d'elles se faria rei, refazendo uma rainha.

E' o que se torna impossivel dicidir; mas o que é certo, foi Monaldeschi encontrar em Mazarin um alliado poderoso, que lhe tinha promettido toda a sua influencia sobre a rainha, sob a condição, de mais tarde por sua via assegurar á França uma influencia sobre a Suecia.

Christina não precisava ler esta carta, para saber porque meio se pertendia constrangel-a a um casamento, de que em outro tempo tinha dado esperanças a Monaldeschi. Desde muito que estava resolvida a fugir a esta dupla importunação, e á transacção que lhe era proposta por Mazarin. Para esse fim já tinha pedido licença a Cromwel para ir á Inglaterra, contando achar nesse sem condicção, o apoio que Mazarin lhe queria vender tão caro, porém mao grado as lisonjas com que a rainha tinha feito cocegas á vaidade do protector, Cromwel tinha recuzado, e a noticia já tinha chegado a Christina.

Um instante de triumpho de mulher, tinha distrahido a rainha das preoccupações politicas, quando esta carta tornou a dar-lh'as. Na impaciencia de ter sido perturbada na alegria a que se tinha entregue um momento, atirou com a carta com colera, e andou para o seo leito para deitar-se, e abriu os lençóis. Ficou surprehendida vendo entre elles um pequeno caderno de capa amarella, e por um presentimento singular, esta mulher, tão resoluta, pegou nesse com o medo, que se deve ter ao pegar em uma cobra. Deitou os olhos ao titulo, e leo: *Avisos aos povos da Suecia respeito a ex-rainha Christina.*

Christina voltou a pagina com um terror indefinivel, e com um olhar devorador percorre as primeiras linhas deste abominavel escripto. O que leo, devia ser bem horrivel, por que ella se commoveo pouco a pouco, fez-se successivamente pallida de colera, vermelha d'indignação, e acabou por levar a mão à cabeça, dando um grito de raiva. Então correndo como louca em seo aposento, cahio em um destes accessos de furor, que mais tarde tornarão-se epilepsia segundo se diz,

Suas mulheres correrão a seos gritos, uma d'ellas foi para o lado da autecamera para chamar soccorro, em quanto outra corria ao quarto de Landini, que em sua qualidade d'alchmista fazia as vezes de medico. A primeira encontrou Clairet, que devia ao seo primeiro estado de barbeiro alguns conhecimentos cirurgicos, seguiu esta mulher ao aposento da rainha, que entregue a uma colera desarrazoada, soltava exclamações insensatas. Quando viu Clairet, deixou escapar um grito d'alegria, e lançando-se a elle, trouxe-o para juncto da meza, e lhe dice : Toma, lê.

O velho baixou a cabeça confuzo e descontente, em quanto Christina, pondo seo dedo sobre a pagina, lhe repetia: Aqui... aqui.. Magus... Shumlack..... e tu tambem... Elles sabem tudo.— Sahide, diz o velho com um tom violento dirigindo-se às mulheres que tinhão ficado na camara, e sem perceber que Marianna não estava com ellas.

Retirarão-se, e Christina batendo com o pé, replicou com mais raiva: Infames! Infames! e eu fui rainha, tive juizes, tive carrascos, e perdi tudo isto! Louca! louca! mil vezes louca !

— Tudo isso se encontra, diz Clairet, quando ha necessidade.

— Necessidade ! esclamou Christina com uma raiva amarga... vê se tenho necessidade, lê.

— Ah ! sabeis muito bem, que eu não conheço uma letra.

— Então que vieste cá fazer, diz a rainha.... quem vos chamou?.... quem vos permittio entrar?

— Pedirão soccorro, replicou Clairet, e eu acudi! Comprehendo que é um crime.

A estas palavras, depois de tantas commoções violentas as lagrimas de Christina romperão de seos olhos e mitigarão

a exaltação de suas ideias, mas não a violencia de sua dor.

— Me abandonas tambem tu? exclamou a travez de seos soluços, não estarei cercada senão de traidores, e inimigos?... Clairet... Clairet... tu não deves estar zangado comigo.... elles me fizerão muito mal...,

— Mas em fim o que contem esse papel esse libello diffamatorio?

Horriveis segredos: escuta-me... ou é Satanaz quem des-cobrio a seo auctor tudo quanto contem nas primeiras linhas que li.... ou è um...

Callou-se.

— Ou è um homem que tendes amado bastante para lhe revelar tudo, acrescentou Clairet.

— Teo odio a Monaldeschi cega, Monaldeschi não sabe tudo.

— Quem pois estará tão bem instruido ?

— A ti é que te devo perguntar, porque ha alli uma expressão que te acuza.

— A mim ?

— Tu sim : lê, e responder-me-has depois,

— Dai cá, diz Clairet, eu vou fazerm'o ler pelo meo afilhado.

— Fazer-t'o ler por outro !... Iniciar outro nestas horriveis revelações !

— Então lede-o vós mesmo.

Christina olhou em torno de si, como se tivesse vergonha de ser vista, no que hia a fazer, e replciou em voz baixa, como se receiasse ser ouvida.

Clairet, tu tens astacias infernaes para descubrir segredos os mais impenetraveis : ha poucos homens d'entre estes que me cercão, que tu não me tenhas dicto as traições. Tenho pago bem caro tuas revelações, e deves estar satisfeito : pois bem diz-me o nome do homem que fez este diffamatorio, e te pagarei com a moeda que te tenho recuzado até agora : eu te ennobreço, faço-te barão, far-te-hei conde se assim quizeres.

— Far-me-heis conde ! exclamou Clairet.

— Far-te-hei conde, mas se não me nomeares o auctor serás tu o culpado, e eu te puno,

(Continúa)